




The archaeological analysis of the hate speech: which is a way of denying human rights

Análise arqueológica do discurso de ódio: uma forma de negar os direitos humanos

PUGLIESI, Eduardo Jorges⁽¹⁾

Os autores devem ser identificados de acordo com a indicação abaixo, Georgia 8, os dados devem estar completos e o Orcid válido, com os 16 dígitos conforme indicação abaixo.

⁽¹⁾  ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1780-7244>. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Doutorando em Educação, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Discurso e Imagem Visual em Educação – GEPDIVE. Professor da Educação Básica do Ensino Médio e Fundamental II, BRAZIL, eduardo.pugliesi@estudantes.ufpb.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This article discussed the serious threats to today's society that hate speech represents. Since, it both denies and seeks to destroy the achievements of humanity from the Universal Declaration of Human Rights that laid the foundations of a new society that had to reemerge from the wreckage of destruction of the Second World War (1939-1945). Next, I present the importance of the school as a dialogical and dialectical space. In this way, the school is a territory of essential resistance to hate speech, as it is a place of intersections of various types of speeches from the most varied knowledge worked in it through the numerous disciplines. One of the most important is the humanization process that is formed from the basic and effective principles of the Universal Declaration of Human Rights. The theoretical-methodological approach used in this research was the Archaeological Analysis of Discourse (AAD), by Michel Foucault (2015). Based on its assumptions, I investigated hate speech in Brazilian society, within the time frame from 2016 to 2021. Thus, through the operational horizon of the AAD, which is developed in three stages: mapping, analyzing and describing. So I could identify the seven enunciative series that establish the order of hate speech namely: personal offenses; personal attack; highlight the defect in the other; stigmas, scapegoat; offensive neologism; and the thoroughness that structures the discourses of brutality with an explicit death wish.

RESUMO

Este artigo discorre sobre as graves ameaças à sociedade atual que o discurso de ódio representa. Já que, o mesmo tanto nega quanto procura destruir as conquistas da humanidade provenientes da Declaração Universal dos Direitos Humanos que lançaram as bases de uma nova sociedade que precisou ressurgir dos escombros da destruição da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em seguida, apresento a importância da escola como espaço dialógico e dialético. Desta forma, a escola é um território de resistência imprescindível ao discurso de ódio, pois é um lugar de intersecções de vários tipos de discursos provenientes dos mais variados saberes trabalhados nela através das inúmeras disciplinas. Um dos mais importantes é o do processo de humanização que se forma a partir dos princípios basilares e efetivos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A abordagem teórico-metodológica utilizada nesta pesquisa foi a Análise Arqueológica do Discurso (AAD), de Michel Foucault (2015). Mediante seus pressupostos investiguei o discurso de ódio na sociedade brasileira, dentro do recorte temporal de 2016 a 2021. Assim, por meio do horizonte operativo da AAD que se desenvolve em três etapas: mapear, analisar e descrever. Assim pude identificar as sete séries enunciativas que estabelecem a ordem do discurso de ódio, a saber: ofensas pessoais; ataque pessoal; evidenciar o defeito no outro; estigmatizações; bode expiatório; neologismo ofensivo; e a cabal que estrutura os discursos de brutalidade com desejo de morte explícita.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 24/11/2021

Aprovado: 25/01/2022

Publicação: 02/04/2022



Keywords:

Discursive order of hate,
human warranty,
archeology.

Palavras-Chave:

Ordem discursiva de ódio,
garantia humana,
arqueologia.

Introdução

A história da humanidade é marcada por tragédias incomensuráveis sendo até é difícil de acreditar o quanto de destruição os seres humanos causaram a si [e entre si] mesmos. A esse respeito podemos citar a célebre frase de Hobbes (2002, p.3) – “*lupus est homo homini lupus*” – que tomou de empréstimo de Plauto [254-184 a.C.], quer dizer: “o homem é o lobo do próprio homem”. Essa frase, foi utilizada com a finalidade de explicitar que o homem [no sentido genérico da palavra] tem a capacidade de fazer muito mal a sua própria espécie por meio de uma motivação que vai do egoísmo à autopreservação.

Essa afirmação de Hobbes tem se tornado ainda mais atual no mundo contemporâneo depois de passarmos por duas grandes guerras mundiais com milhares de mortos e sequelas que permanecem presentes na humanidade se propagando até os dias atuais.

O desenvolvimento dos meios de comunicação devido ao avanço da tecnologia ganhou muito mais velocidade em transmitir e divulgar informações, notícias e também as catástrofes humanitárias. As guerras da atualidade são praticamente transmitidas on-line e, com o desenvolvimento das mídias passamos a ter muitas formas de acompanhar os acontecimentos instantaneamente e uma das mais difundidas e popularizada em nosso tempo são os aparelhos celulares que por meio deles temos acesso às informações midiáticas literalmente na palma da mão.

Durante o período das duas grandes guerras mundiais a humanidade viu se materializar o discurso de ódio sobre dois povos em específico. Esse acontecimento está permeado por uma série de influências de ordem histórica, política, social, econômica e cultural que serviram de matizes para compor e formatar uma ideologia dominante que tanto no Império Otomano quanto na Alemanha Nazista que erigiram inimigo internos que precisavam ser aniquilados, mas antes disso era necessário estigmatizá-los através de um conjunto de ações discursivas escritas, sonoras e visuais que proliferavam dentro de seus respectivos territórios serem eles – os “bodes expiatórios”.

Desta forma, todas as palavras relacionadas a esses dois povos passaram a ser carregadas de raiva, xenofobia e desejo de aniquilamento. Uma clara evidencia de um processo em curso de formação discursiva no qual as leis de construção do discurso se efetivam – “a grande superfície dos discursos” (Foucault, 2015, p. 95). É neste momento que o discurso de ódio ganha efetividade por meio de ações.

O primeiro povo que sentiu os efeitos desse discurso no século XX foram os armênios que, durante o período precedente da Primeira Guerra Mundial (1914-18), viviam cerca de 2.500.000 no território do Império Otomano [onde hoje é a Turquia] e, após os idos de 1915, houve um extermínio de mais de 1.500.000 armênios, sem contar os que foram forçados a saírem de suas residências para uma grande marcha pelo deserto, perdendo as suas vidas nesse

longo trajeto. Em 2021 não restava mais de 100.000 armênios vivendo no mesmo território que dantes (Granovsky, 2017).

Esse terrível acontecimento foi marcado pelo esquecimento histórico, ou melhor, não foi dado a ele a devida importância. Servindo de modelo para Adolf Hitler que desenvolveu uma grande arquitetura do mal passando a ter seu nome eternizado como símbolo da maldade contra a humanidade.

Ele utilizou a mesma forma de articulação do discurso de ódio contra quem classificava como seu opositor: no grupo político, os comunistas; no grupo religioso, os Testemunhas de Jeová; no grupo de gênero, os gays; no grupo étnico, os negros; e por fim, no grupo econômico-financeiro, os judeus [que poderia ser classificado como étnico, mas só posteriormente passou a ser classificados assim] (Rigg, 2003).

Após essas estruturas serem difundidas na sociedade alemã por meio da propaganda e do ensino nas escolas são lançadas as bases do III REICH: a doutrina do espaço vital e a supremacia da raça ariana. Em vários discursos, Hitler declarava: “afinal, quem hoje se lembra da aniquilação dos armênios?” (Granovsky, 2017, p. 7). Agora, os espaços precisam ser limpos dos entes indesejáveis para que “a raça ariana”, forma pela qual era denominado o povo alemão nesse momento, possa enfim se desenvolver com base na filosofia de sua superioridade, como assim era propalada pelos ideólogos nazistas (Visentini; Pereira, 2008). Portanto, é nesse momento que os judeus são alçados à categoria de inimigos internos a serem exterminados.

É na esfera do discurso que os objetos da Análise Arqueológica do Discurso se ligam, pois, é o próprio discurso que os faz brotar, que nomeia, delimita o seu domínio e os descrevem. As condições que proporcionam o aparecimento de um objeto são históricas.

Destarte, para que se diga o que quer que seja sobre alguma coisa ou algo, é imprescindível que se diga dentro de um tempo e espaço. Assim, “não é fácil dizer alguma coisa nova” [pois], “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época” (Foucault, 2015, p. 54). Este artigo tem como objetivo analisar arqueologicamente o discurso de ódio presente na sociedade brasileira no espaço de tempo 2016 a 202. Assim, intenciono compreender quais foram os efeitos que esse tipo de discurso produziu, uma vez que ele circula e perpassa todos os campos de atuação humana por meio de um feixe de relações onde a sua primeira condição é histórica – ele existe em seu tempo, é produzido pelos sujeitos de seu tempo, possui uma materialidade específica onde o mesmo está posto [nos livros didáticos, num panfleto de propaganda, em um outdoor, em um filme, em um gesto numa fotografia, numa piada de cunho diversos no sentido de diminuir ou inferiorizar outrem, etc.].

O discurso circula na sociedade por várias materialidades, a sonora, a escrita, a imagética, etc. Desta forma, seus efeitos são espalhados na sociedade por vários meios físicos, mesmo o discurso não sendo algo físico. Mas, ele produz uma realidade. Assim, a promulgação dos Direitos Humanos se transformaram na ação mais potente de combate àquilo que foi

produzido pelo discurso do ódio nazifascista que nasceu após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-18) e será um dos fatores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Partindo desse pressuposto, a DUDH (ONU, 1948) é de suma importância no combate à barbárie que é promovida pelo discurso de ódio e, sendo assim, não há um espaço melhor que a escola para promover um diálogo fundamentado na dignidade humana.

Assim, posso compreender o quanto a escola é imprescindível para esse grande desafio – consolidar os Direitos Humanos entre os humanos. Já que, como observado é o espaço por excelência voltado especificamente para a formação humana e dessa maneira, posso asseverar que é mister que os embates discursivos aconteçam nesse espaço, pois vem alumine os pensamentos, as ideias, os raciocínios por meio de uma série de relações que são desenvolvidas neste local.

O discurso de ódio é muito perigoso, pois ele se alimenta daquilo que é mais deletério que há no ser humano. Ele possui em sua formação discursiva enunciados que disseminam na sociedade em relação a outrem: humilhação; escárnio; deboche; zombaria; diminuição; agressões verbais, virtuais e físicas; calúnias; mentiras [*fake news*]; ameaças de várias formas; por fim, podendo até mesmo em caso extremos – causar mortes.

Desta forma, quem se alimenta do discurso de ódio e o promove é como se tivesse chocando ovos de serpente (Bergmann, 1977). Uma vez que, a casta do ovo se rompa e a serpente, ainda imberbe, saia de dentro picará a pessoa que estiver mais próxima dela, pois é de sua natureza. Assim, é o discurso de ódio – ele afetará aquele que estiver mais próximo dele com suas consequências deletérias – desentendimentos, desavenças, brigas de várias ordens e amarguras de vida generalizadas advindas dessa prática discursiva que gera inimigos por onde é promovida.

Destarte, analisarei esse tipo de discurso através dos pressupostos teórico-metodológico da arqueologia de Michel Foucault (2015), que serão usados para investigar essa modalidade discursiva que tem como uma de suas características despertar o pior que há em alguns seres humanos.

A história dos direitos humanos

A DUDH (ONU, 1948) nasceu em um mundo arrasado por uma guerra que ceifou a vida de milhares de seres humanos e sequelou outros tantos. Um cenário de terra arrasada que até hoje repercute os seus efeitos deletérios para a humanidade.

O mundo pós-guerra é um mundo que está em uma profunda crise econômica e humana, pois o pós-primeira guerra devastou a Europa e os ideais que as nações dessa região do planeta carregavam. Os EUA saíram do conflito como uma potência militar e econômica, mas a euforia norte-americana gerou uma crise sem precedentes na história da humanidade

até então. A bolsa de valores de Wall Street quebrou – levando o sistema capitalista a bancarrota e os efeitos da crise foram sentidos no mundo todos.

A Europa sente os efeitos da crise criando formas de pensamento hostil à democracia. Nasce em vários países sistema autoritário centrados em um líder forte que usa o poder sem limites legais – sua força é a sua baliza – muitas constituições mudaram nesse período.

Assim, podemos partir daquilo que o fascismo tem de determinante em suas características elementares – um líder forte e popular que determina de uma forma impositiva os rumos da nação e elencar inimigos internos e externos que precisam ser eliminados de toda a forma. E, empreendem todos os meios para tal fim. Na Itália, Mussolini [Duce]; na Alemanha, Hitler [Führer].

Ambos disseminam discursos em seus respectivos países que sempre tem como regularidade o ódio voltado a algum inimigo interno ou externo que precisam ser eliminados – um dos princípios elementares do discurso de ódio.

O caminho estava sendo preparado para a guerra, pois ninguém mais dialogava; apenas usava a força para impor sua vontade e as minorias passaram a ser literalmente esmagadas – assim como os armênios foram e ninguém mais se lembra daquele acontecimento, segundo o próprio Hitler fazia questão de falar em muitas de suas reuniões (Granovsky, 2017).

Nessa perspectiva, o discurso de ódio se estabeleceu, pois, segundo Foucault (2015) são os discursos que criam os seus próprios objetos que produzem seus efeitos. Desta forma, esse tipo de discurso se consolidando e seus efeitos logo foram sentidos no genocídio do povo judeu como consequência direta dele.

Como característica desse discurso os grupos de excluídos e estigmatizados são tidos como escória da nação que precisa ser limpa da presença deles. É nesse sentido que a Solução Final surge no III Reich como uma forma de limpar a nação alemã das figuras indesejáveis dos judeus, (Evans, 2010).

Ao fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a história pôde ver *in loco* os efeitos funestos que o discurso de ódio provocou em sua última instância – o holocausto dos judeus nos vários campos de concentração espalhados pela Alemanha e Polônia.

Não havia uma denominação jurídica para classificar aquilo que os Aliados presenciaram que foi amplamente registrado primeiramente pelos soviéticos e posteriormente pelos demais membros da coalisão. Ao fim de sua pesquisa ele cunhou o termo genocídio que significa: “um plano coordenado composto por diferentes ações que apontam a destruição dos fundamentos essenciais da vida de grupos nacionais com o objetivo de aniquilar a esses grupos” (Lemkin, 1944, p. 83).

A partir dessa definição, podemos compreender a arquitetura que foi montada. Primeiramente pelos otomanos para exterminar os armênios de seu território conforme já foi explicado; e em seguida pelo nazismo que pretendia exterminar o maior número possível de judeus sem deixar vestígios dos crimes cometidos.

Desta forma, toda uma engenharia foi montada para esse fim. Iniciando pelos cálculos da quantidade máxima dos judeus que poderiam ser levados nos trens aos campos de concentração; em seguida, a quantidade máxima que cada campo de concentração suportava de mais judeus chegando até sua eliminação na câmara de gás; por fim, quantos corpos cada forno suporta incinerar (Arendt, 2014).

Algo inimaginável que até os dias atuais nos perguntamos: como puderam fazer isso com os judeus? Por que a sociedade não reagiu? Enfim, são perguntas que não tem explicações fáceis e únicas. Provavelmente nunca a teremos, pois, as perguntas são mais importantes que as respostas no sentido que elas no levam a refletir sobre os acontecimentos. E, como de praxe nos levam a uma série de questionamentos... dentre eles, está no cerne o objetivo deste artigo: analisar o discurso de ódio.

Uma questão que chama a atenção é justamente o crescimento do discurso de ódio durante o domínio do Partido Nazista liderado pelo Führer, Adolf Hitler, que elegeu vários grupos como opositores e posteriormente concentrou todas as energias de seu discurso de ódio contra os judeus por meio de discursos públicos em vários lugares com multidões de expectadores.

Há aqui uma banalização do mal a tal grau que era necessário ser criado um termo que melhor o definisse, pois eram atos tão absurdos que se não houvesse os fatos históricos mais uma gama de relatos dos sobreviventes seria muito difícil de acreditar no ocorrido (Arendt, 2012). Que foi amplamente usado no Tribunal de Nuremberg (1945-1946). Onde “os Nazistas sentaram no banco dos réus e foram julgados e condenados por crimes contra a humanidade” (Marrus, 2003, p, 364).

A ONU, em 1948, se reúne em Assembleia Geral, considerando todos os crimes cometidos contra a humanidade e visando o combate não apenas aos criminosos, mas ao fator gerador desse crime conta a humanidade. Assim, emite uma Declaração Universal dos Direitos Humanos – DUDH que em seu preâmbulo assevera:

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,
Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade e que o advento de um mundo em que mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum (ONU, 1948).

O reconhecimento de que foi justamente o desprezo e desrespeito contínuo aos direitos inalienáveis da pessoa humana que levaram a todos os atos bárbaros é um marco muito importante para o combate a tudo que provoca o ódio e a destruição entre os seres humanos. Assim, o mundo em meados do século XX precisa reconstruir as bases de uma nova sociedade

que é imprescindível renascer e viver além dos conflitos, e não ser mais alimentada por tudo o que provocou esse quadro tão tenebroso de destruição total.

Escola – um lugar de formação humana

A escola é uma das instituições mais importantes nessa empreitada de construção de uma nova sociedade que renasce do caos e da dor!

Era necessário ensinar os seres humanos a se humanizarem. E, a escola foi se constituindo como esse lugar.

É nesse espaço que os DUDH (ONU, 1948) precisam ser ensinados para que o discurso do ódio não conseguisse ser proliferado outra vez na sociedade. O grande líder sul-africano antiapartheid [chamado carinhosamente por seus conterrâneos de Mandiba] gostava de explicar que após tudo o que passou em sua vida: “ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprenderem a odiar, aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar” (Mandela, 2020, p. 181).

Assim, uma das funções sociais mais importantes desempenhadas pela escola é justamente a socialização entre todos os membros que fazem parte de sua comunidade: a interna e externa.

A escola é o local que todos os assuntos devem ser postos para serem debatidos entre todos os alunos e professores para que o processo dialógico (Freire, 1996) e dialético (Marx; Engels, 2001) se desenvolva e os conteúdos ensinados sejam significativos para toda a sociedade.

Enquanto os componentes de ensino são trabalhados em sala de aula além do ensino em si é formado nos estudantes um conjunto de valores que lhe proporcionam alteridade; altruísmo; respeito ao diferente etc., esse efeito não é gerado apenas fisicamente, mas também cognitivamente, tudo com profundo respeito; e, quando algo foge desse processo formativo – uma brincadeira pejorativa carregada de termos ofensivos, ataques pessoais e estigmatizações logo são identificadas como discurso de ódio e prontamente combatidas por meio da valorização da pessoa humana. Pois, a escola além de ser um lugar dos significantes intelectuais é ao mesmo tempo um espaço de vivência de todos.

Os pressupostos teóricos da Análise Arqueológica do Discurso

A sociedade é um organismo vivo e está em constante transformação. Assim, como Heráclito afirmava que “é impossível banhar-se duas vezes no mesmo rio, uma vez que nem as

águas do rio serão as mesmas no segundo banho e nem a própria pessoa” (Marcondes, 2008, p. 36); da mesma forma é a sociedade - nunca será a mesma. Está sempre mudando, isso faz parte de suas relações sócio-econômicas-culturais-estruturais constituídas no mundo capitalista.

As duas primeiras décadas do século XXI estão sendo marcadas por um processo similar ao que aconteceu na primeira metade do século XX. Na sociedade do século vigente está em curso ações, ou melhor, leniências tais quais às supracitadas no século XX que deixaram o ovo de serpente ser chocado. E, como é próprio das serpentes – elas picam a todos àqueles que estão próximos a elas. Faz parte da sua natureza – inocular o veneno.

Há um entendimento na historiografia contemporânea que este século vigente teve seu início com a queda das Torres Gêmeas, no 11 de Setembro de 2001. Pois, a partir dali o mundo passou novamente a ter um macro inimigo – o terrorista. O que antes havia sido o nazista e depois passou a ser o comunista durante toda a Guerra Fria.

Nesse início de século vimos midiaticamente as Guerras ao Terror [Afeganistão e Iraque] – gerando no mundo um pavor dos povos islâmicos e uma série de atentados terroristas se espalhando pelo globo.

O reino do medo voltou a imperar nos meios de comunicação por meio do discurso de ódio contra os povos do Oriente Médio em todas as suas dimensões [culturais, religiosas, geográficas e estéticas].

As relações discursivas passaram a circular em várias materialidades a partir desse momento e, desta forma, passou a ser naturalizado discursivamente estigmatizar esses povos. Uma vez que o discurso produz seus próprios objetos de quem se pode falar e inferir algo (Foucault, 2015).

Isto posto, lançamos os pressupostos teóricos da AAD a fim de compreender com mais clareza como vai sendo tecida uma rede discursiva dos ditos que são aceitos na sociedade. Foucault (2015) denomina isso de episteme – que é a forma de regular o que pode ser dito sobre algo em determinado tempo. As bases discursivas foram lançadas e a partir de agora aquilo dito que corroborem com o ódio a esse povo é aceito como válido. Que vai desde piadas, charges e filmes retratando-os como monstros sanguinários. Por essa definição foucaultiana é validado, pois está amparado na episteme de seu tempo.

Desta forma, para que algo novo seja dito é necessário que o enunciado se organize em virtude das novas relações que surgem. Destarte, podemos identificar que há uma série de relações que são estabelecidas e se organizam nessa perspectiva:

Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade (Foucault, 2015, p. 54).

Um discurso não é produzido simplesmente pela vontade, mas ele é produtos dos enunciados que circulam e circundam as falas, as imagens, as palavras escritas e assim ocupa todos os espaços e está sempre em constante transformação e seu *a priori* é histórico.

Ele não foge de seu tempo e espaço. Ele está contido ali. Por isso, quando uma pessoa que é do século passado e começa a falar de determinadas coisas de seu tempo logo a nova geração percebe que determinada pessoa está fora de sintonia com o seu tempo, ou quando se veste de determinada forma que era normal em seu tempo, mas que agora não está mais em voga. Isso são apenas exemplos de como o discurso faz parte de seu tempo histórico.

O discurso de ódio é apenas mais um tipo de discurso que existe, como por exemplo: o discurso religioso, médico, político e outros mais. Cada formação discursiva obedece a sua regra de formação que é onde estão as leis de construção do discurso – “a grande superfície dos discursos” (Foucault, 2015, p. 95).

É nesta instância que aparecem os objetos discursivos. Uma vez que, o discurso é “um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva” (Foucault, 2015, p. 132).

É partir dos enunciados que o discurso é formado. Ele pode ser de qualquer tipo e sempre será formado pelo conjunto de enunciados que estão presentes em sua formação. Sendo assim, para identificarmos o discurso de ódio é essencial descobrirmos quais são os enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva de ódio.

Com base no entendimento que esse discurso supracitado ser muito amplo e abrangente decidi operar um recorte temporal dos anos 2016 a 2021, a fim de poder me debruçar melhor sobre as fontes primárias dessa pesquisa que irei apresentá-las quando for discorrer sobre os pressupostos metodológicos da AAD mais abaixo nesse excerto.

Por hora, comunico que o período desse recorte temporal se deve a um momento histórico do Brasil contemporâneo muito abundante em discursos de ódio na sociedade.

Esse tipo de discurso tem seu lugar na história da humanidade há muito tempo. E, sempre que esse acontecimento discursivo se avoluma no tecido social há um importante indício de que grandes arbitrariedades estão em curso e, todos os que compõem o mesmo contexto social serão afetados por ele.

É de suma importância saber que a AAD não investiga quando determinado discurso teve seu início ou que o gerou. Uma vez que isso é irrelevante para o arcabouço teórico da mesma, pois sua preocupação sempre é encontrar as regularidades discursivas em meio à dispersão dos enunciados e, desta forma, descrevê-los.

No entanto, tem sua relevância histórica descobrir os momentos temporais que determinado discurso tem um volume maior de circularidade de suas estruturas nas diversas materialidades [falas, escritas, músicas, imagens etc.]. Sendo assim, identifico um crescimento exponencial do discurso de ódio misógino na história recente do Brasil, iniciando nos anos de 2013, através dos grandes veículos de comunicação que serviram de emuladores desse tipo de

discurso que culminou com o processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff em 2016.

Desta forma, me lancei a investigar essa modalidade discursiva e descobri por meio dos fragmentos que o discurso misógino, que está entranhado na sociedade brasileira, foi usado de maneira específica no processo do impeachment de 2016. E, a partir dele, – o discurso de ódio ganhou mais força na ordem do dia.

Foucault (2015, p. 143) assevera que “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” que é constituída por um certo número de enunciados em uma dispersão que se pode “definir uma regularidade uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações” (Foucault, 2015, p. 95). É na regularidade que habitam os enunciados que podem ser identificados de maneira isoladas em uma dispersão [exemplo: os enunciados que formaram o discurso misógino] ou em séries enunciativas [quando tipos diferentes de enunciados são usados para formar um discurso].

É a partir desse momento, que esta pesquisa toma a sua forma, pois a formação discursiva da misoginia outrora usada passa a ser relegada e outras passam a se formar e ganhar espaço nas diversas materialidades. São essas outras formações discursivas que constituem os achados enunciativos da minha pesquisa que decidi comunicá-los aqui nesse artigo.

A investigação do discurso de ódio se dar a partir da identificação das regularidades nas dispersões postas em suas produções, nas normas que estabeleceram a sua inscrição de tais e tais coisas como elas se manifestam; nas relações estabelecidas entre os signos; nos domínios de saberes acionados:

Os signos que constituem seus elementos são formas que se impõem aos enunciados e que os regem do interior. Senão houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua [e podemos sempre supor, em lugar de qualquer enunciado, um outro enunciado que, nem por isso, modificaria a língua]. A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição [mais ou menos exaustiva] obtida a partir de um conjunto de enunciados reais (Foucault, 2015, p. 103).

É essencial a compreensão de que o ser da linguagem é formado por signos, sem o qual não há linguagem de qualquer natureza, ou melhor dizendo, ele é tudo aquilo que nos direcionam a alguma coisa. Que serve como uma chave que abre a porta para que possamos lembrar, representar, referir-se ou anunciar algo (Carlos, 2017).

É através dele que há a apreensão cognitiva das relações discursivas que são postas pelo enunciado que é o ser do discurso e manifesta-se como uma função que desenvolvem suas operações de uma maneira vertical em relação às várias unidades discursivas em conformidade com suas caracterizações específicas e por meio dele podem confirmar se uma série signíca que está presente forma um enunciado ou:

Não há razão para espanto por não ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdo concretos, no tempo e no espaço (Foucault, 2015, p. 105).

É partir desse entendimento sobre a estrutura discursiva que podemos identificar o ovo da serpente (Bergmann, 1977) – o discurso de ódio na superfície destilando veneno sobre e em todos. Pois, a AAD só analisa o que está posto, aquilo que está na forma dita – falada ou escrita, em uma materialidade. O oculto não é passível de ser analisado pela AAD que precisa que o discurso esteja posicionado em uma materialidade para ser esmiuçado a fim de ser compreendido em suas instâncias delimitadoras.

Com base nos pressupostos teóricos da AAD que vimos anteriormente aplicamos os pressupostos metodológicos sobre um território investigativo [revistas, jornais, filmes, TVs fotografias, um discurso político etc.] que apresenta indícios do discurso de ódio que está posto em sua materialidade.

Os pressupostos metodológicos da Análise Arqueológica do Discurso

Esse procedimento operatório se dá a partir de três etapas: no primeiro momento é realizado o mapeamento do território onde foram encontrados os indícios; em seguida, é realizado a escavação a partir do mapeamento do território; e por fim, a partir dos achados da escavação é realizado a análise-descritiva do foi encontrada (Alcantara; Carlos, 2013).

Os anos *a posteriori* à 2016 foram de uma crescente animosidade no campo político que desencadeou processos deletérios na sociedade civil. Os grandes meios de comunicação [a imprensa corporativa] transformaram-se em vetores de proliferação do discurso de ódio com editoriais em formato de matérias nos telejornais e nos jornais e revistas. Analogamente, serviram de uma espécie de carvão mineral para que a siderurgia nunca extinguisse o seu fogo. Nesse caso, que esse tipo de discurso se mantivesse vivo.

Foi dessa maneira que a sociedade civil passou a respirar e reverberar um discurso tão deletério, pernicioso e perigoso para todos, assim como o chocar ovos de serpente conforme já explicitarei essa relação de similitude anteriormente.

As fontes primárias que compuseram o *locus* desta pesquisa foram basicamente: sites de notícias, jornais e revistas eletrônicas, telejornais e uma plataforma de vídeos, a saber: g1.globo.com; congressoemfoco.uol.com.br; cartacapital.com.br; folha.uol.com.br; jornalopcao.com.br; brasil247.com; opovo.com.br; wordpress.com; globonews-jornal-das-dez; e youtube.com.

Ao longo de dois anos empreendi uma investigação com o descritor: discurso de ódio e seus correlatos, pois muitas vezes esse tipo de discurso não está muito claro e evidente, pois há muitos entulhos juntos com ele que em muitos momentos confundem os observadores, leitores e pesquisadores de uma maneira geral.

O pesquisador da AAD age como um arqueólogo que quando encontra um fragmento de determinado artefato [um pedaço de osso, madeira, cerâmica etc.] logo o separa para ser identificado e, assim *a posteriori* com os demais achados procurar saber o que de fato é aquele fragmento em suas múltiplas relações e correlações com os demais achados.

O procedimento metodológico da AAD possibilita esmiuçar os enunciados do discurso e assim poder vê-los como de fato são. Sem proceder com artifícios interpretativos [introdução dos achismos que na maioria das vezes leva a análise a perder seu devido rigor], mas com fatos descritivos [dizer o que de fato é com rigor metodológico]. Desta forma, as três etapas operatória dessa abordagem possibilita que assim seja feito.

Nessa pesquisa, alguns fragmentos do discurso de ódio estavam maquiados. Geralmente, eram usados eufemismos para dar uma conotação leve e em outros momentos até ares engraçados, por meio de piadas e tiradas humorísticas. Mas, sua essência é a mesma – promover o mal, a discórdia, a animosidade e criar divisões no tecido social.

É na regularidade que os enunciados habitam. Sendo assim, em meio a dispersão das falas [escritas, sonoras ou visuais] postas nas materialidades que compõem as fontes primárias dessa pesquisa, seja identificada um fragmento de discurso de ódio que passe a ser regular. Quer dizer, que sempre se repita quando algo seja dito relacionado a determinada coisa, o local [site, revista, jornal, plataforma etc.] que o mesmo foi achado passa a compor o um território arqueológico da pesquisa. E, assim a investigação se desenvolve ao longo de suas três etapas procedimentais.

O mapear na AAD é o momento da pesquisa marcada pela horizontalidade da investigação. É o instante que o território que apresentou alguns indícios do discurso de ódio [frases, palavras completas, atos falhos, cortes abruptos na fala, piadas de duplo sentido etc.] passam a ser demarcados, a fim de serem observados melhor em sua superfície, com mais acuidade e, desta forma saber onde vai se realizar o procedimento da escavação.

O escavar é a etapa metodológica na qual a pesquisa se verticaliza em busca dos artefatos discursivos, onde são encontradas as partes de um todo e segue avançando, aprofundando na investigação por um lugar no qual o olho humano precisa ser treinado para perceber o que vai sendo encontrando pelo caminho enquanto se aprofunda.

É nessa etapa que os achados passam a serem registrados para que depois sejam desenterrados [trazidos a luz da superfície] e, assim possam ser analisados com mais cuidado e uma melhor visibilidade para que não se interprete, pois na AAD não interpretamos os achados, mas o descrevemos – dizemos o que é!

É nesta etapa que haverá uma sistematização dos achados. O momento que os fragmentos passam a ser analisados em suas múltiplas relações e correlações. Por exemplo: determinado fragmento do discurso de ódio quando aparece ele está isolado ou associado a algo mais? Em quais momentos de determinada fala esse fragmento aparece? O que ele suscita? O que produz a fala ou as falas procura maquiá-la com artifícios diversionistas ou a apresenta de uma forma direta como fez o então candidato à presidente da república, Jair M. Bolsonaro, em 1º de setembro de 2018, em um comício no Acre quando proferiu: “vamos fuzilar a petralhada que mora aqui no Acre”. Essa fala foi feita segurando um suporte de câmera que “se transformou em fuzil” nas mãos desse candidato.

Pela teoria geral dos signos (Santaella, 2000), podemos entender que esse ato [palavras e ação corporal com o objeto] construiu uma imagem nas mentes dos presentes imediatamente e posteriormente nas de todos aqueles que viram essa imagem nos veículos de comunicação.

Um ato que operou uma transformação imagética de objetos [um suporte de câmera virando um fuzil] por meio de uma linguagem icônica. É desta forma que a escavação é feita, a partir do mapeamento dos indícios eles são isolados, a fim de serem estudados mais detalhadamente.

Outra pergunta que é vital nessa etapa da investigação: esse é um acontecimento isolado ou se repete? E, assim a escavação vai sistematizando os achados e analisando as estruturas discursivas que estão postas.

Esta é a última etapa da investigação. Agora é essencial o máximo de cuidado para analisar os que foi achado e sistematizado, a fim de realizar a comunicação do que estava enterrado e não se podia ver de uma maneira clara.

Este é o instante de dar visibilidade aos enunciados – as regularidades em meio as dispersões. E, por meio dessa identificação, compreender as formações das séries enunciativas – conjunto de enunciados que formam o discurso.

Na AAD, são necessárias essas três etapas metodológicas para que, aquilo que estava encoberto seja achado, analisado e descrito – que é o momento de comunicar de forma objetiva e clara o fruto da investigação.

Por meio dos saberes apresentados até aqui podemos agora nos debruçar analiticamente sobre o discurso de ódio com mais propriedade na perspectiva epistemológica da AAD.

A sociedade do século XXI tem sido marcada por uma miríade de discursos que a perpassam inclusive este tipo de discurso que é deletério e desperta o mal em algumas pessoas na sociedade.

Segundo Foucault (2015), os discursos produzem os seus próprios objeto de que se podem falar. Assim, em minha pesquisa com base nos pressupostos teórico-metodológicos da AAD sobre o discurso de ódio encontrei alguns fragmentos enunciativos nas palavras faladas e escritas que se apresentaram dispersos em várias materialidades.

Assim, decidi dar visibilidade àqueles que apresentaram regularidades em suas séries enunciativas que foram identificadas nessa pesquisa. Desta forma, podemos asseverar por meio dos pressupostos teóricos que são elas que formam a ordem do discurso de ódio na sociedade. Uma vez que, elas aparecem entre relações e correlações múltiplas ao longo dos textos escritos e falados [materialidade do discurso].

Destarte, para ficar mais perceptível como esse tipo discursivo opera os seus significantes a fim de gerar seus significados estarei indicando abaixo, em nota de rodapé, o território arqueológico que foi escavado e os fragmentos que foram retirados que atendem ao princípio da regularidade que já expus e, desta forma dar visibilidade as sete séries enunciativas encontradas nessa ordem discursiva de ódio.

Desta forma, a partir desse achado é possível afirmar que há um sistema de regularidade na dispersão das séries enunciativas abaixo.

A primeira série enunciativa encontrada se dá por meio de ofensas pessoais. Aqui o objetivo é colar uma pecha no outro: “seu burro”¹, “idiota”², “energúmeno”³, “babaca”⁴ etc., sempre a um outro interlocutor, com palavras que podem ser escritas ou faladas, diretamente a pessoa ou publicada na mídia social ou profissional. Esse tipo de ação desencadeia uma relação de ira no tecido social alimentando mais ataques por meio de simpatizantes e a pessoa agredida é diminuída nesse processo levando a humilhação e um silenciamento ou talvez a um revide que alimentará esse tipo de discurso.

A segunda série enunciativa encontrada é a do ataque pessoal. Não há um diálogo de ideias com argumentos e contra-argumentos, o conhecido processo dialético hegeliano que o fim não é derrota ou vitória, mas a síntese. Aqui não nesse tipo de discurso não há isso. O objetivo dele é atacar o outro com “denúncias caluniosas”, que não precisam ser verdadeiras, apenas ser lançada para ferir o outro, tipo assim: “seu gay”⁵, “sua lésbica”⁶, “mariquinha”⁷, etc. Aqui o objeto é destruir a reputação do outro, pois depois disso tudo o que for dito não terá mais validade na sociedade.

A terceira série enunciativa presente nos achados da investigação foi o uso constante de palavras carregadas com o sentido evidenciar algum defeito do outro. Deste modo, o foco estará apenas no defeito e tudo passa a girar em torno disso: “nove dedos”⁸, “quilombola

¹ <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/guedes-chama-ministro-astronauta-de-burro-e-critica-incompetencia-de-colegas-diz-folha/>. (2021, out, 27)

² <https://g1.globo.com/globonews/jornal-das-dez/video/bolsonaro-chama-manifestantes-de-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra-7618813.ghtml>. (2020, fev, 12).

³ <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-tv-escola-deseduca-e-chama-paulo-freire-de-energumeno/>(2020, jan, 20).

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/irmao-de-ciro-chama-petistas-de-babacas-e-diz-que-partido-merece-perder.shtml>. (2020, jan, 22).

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=bCpkEnuHvDE>. (2021, set, 03).

⁶ <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/fantastico-entrevista-casal-de-lesbicas-agredido-por-medico-em-goiania-68685/>. (2020, jan, 23).

⁷ <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/todo-gordinho-esta-virando-mariquinha-diz-bolsonaro/>(2020, nov, 10).

⁸ <https://www.brasil247.com/brasil/deltan-chamava-lula-de-9-numa-alusao-ao-dedo-perdido-em-acidente-de-trabalho>. (2020, jan, 21).

imprestável⁹”, “estudantes com deficiência ‘atrapalham’ o aprendizado¹⁰” etc. Passará ser uma marca registrada que os meios sociais passam a reproduzir – quer seja para enfatizar, corroborando ou combater, negando e criticando. Em suma, a ordem do discurso passa a ser pautado por uma dessas palavras carregadas de tom pejorativo.

A quarta série enunciativa são as estigmatizações. Um momento muito deletério, pois reduz o outro a características vis, mas que não é feito de uma forma explícita e clara. Geralmente são impressões de senso comum que brotam nas falas de uma maneira informal do tipo: “os professores que não criticam Cuba ou a Venezuela são comunistas¹¹”; “os empresários são ladrões, pois roubam os trabalhadores”; “não gosto de padres, pois são pedófilos”; “os pastores são exploradores dos fiéis” etc., assim essa formação discursiva vai sendo incutida nas mentalidades que passam a reproduzir a outrem e daqui a pouco muitos estão repetindo ou pensando sobre isso sem nem ao menos terem noção de quando começou. É uma verdadeira chaga que se espalha pelo tecido social que contamina a muitos!

A quinta, é a do bode expiatório. Essa é uma das mais longevas formações discursivas do discurso do ódio, pois vem desde a Antiguidade Oriental. Esse tipo de formação discursiva é de quem levará a culpa por todos os males. Eles não precisam estar relacionados diretamente ou indiretamente a determinado fato, mas serão tidos como culpados. Na história temos agrupamentos inteiros recebendo a alcunha por tal fato.

Na Turquia, os armênios eram os culpados – isso levou a morte de mais de 2.500.000 deles durante a 1ª Guerra Mundial; na Alemanha, os judeus – cerca de 6.000.000 foram mortos durante a 2ª Guerra Mundial. Recentemente no Brasil o PT¹², foi tido como o grande responsável por todos os males do país levando a sofrer com um discurso de ódio ferrenho todos os dias em praticamente todos os meios de comunicação – gerando uma animosidade a tal ponto que muitas pessoas passaram a não usar mais a cor vermelha em suas roupas para não serem tiradas como “petista” que virou símbolo de corrupção na sociedade brasileira nesta última década do século XXI.

A penúltima série enunciativa encontrada foi a do neologismo ofensivo. Aqui nós temos a criação de termos que passaram a ser definidores de grupo inteiros. Pessoas perderam a sua individualidade de ser humano e passaram a ser tipificadas por neologismos ofensivos. Podemos começar pelo supracitado anteriormente: “petista” que é uma palavra identificadora de alguém pertencente a esse partido, mas a alcunha deixou de ser essa e passou a ser – corrupto. E, também temos outro: “pão com mortadela¹³”, uma forma de humilhar os

⁹ <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar>. (2020, fev, 15).

¹⁰ <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/08/17/ministro-da-educacao-criancas-com-deficiencia-atrapalham-outros-estudantes.html>. (2021, ago, 17).

¹¹ <https://professorescontraoescolasempartido.files.wordpress.com/2018/07/moura-e-salles-o-escola-sem-partido-e-o-c3b3dio-aos-professores.pdf>. (2020, out, 20).

¹² Partido dos Trabalhadores.

¹³ <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/pao-com-mortadela-e-circo-no-brasil-desgovernado-pelo-pt/>. (2020, ago, 22).

trabalhadores pobres que vão para as manifestações e recebem um lanche durante o tempo que estão se manifestando – isso é uma forma de dizer por meio desse tipo de discurso que são mortos de fome, que só estão ali por esse lanche e não pela luta de seus direitos; “petralha¹⁴”, uma forma clara de unir um sentido político com o outro criminoso dos desenhos e filmes – isso criou relações múltiplas: desde a estigmatização até ao bode expiatório conforme já vimos. O que marcou profundamente todos os parlamentares e afiliados desse partido e que até hoje, ainda tem essa pecha sobre si.

Por fim, a série enunciativa cabal – ela associa discursos de brutalidade com o desejo de morte explícito. Aqui vou usar um discurso proferido pelo então candidato à Presidência da República pelo PSL, o senhor Jair M. Bolsonaro, em comício, no 1º de setembro, em Rio Branco, no Acre. Ele falou para seus simpatizantes e disse: “vamos fuzilar a petralhada e enviá-los à Venezuela¹⁵” Aqui temos um enunciado que carrega em si todas as demais séries enunciativas nesse tipo de discurso. Ainda por cima nesse momento, o Jair Bolsonaro estava em suas mãos com um suporte de câmera que simulava ser uma metralhadora e fazia os gestos de quem estava atirando. Uma imagem digna de asco por uma sociedade que deve sentir ojeriza a essas múltiplas formas do discurso de ódio, pois elas reverberam na sociedade produzindo mais discurso assim e em breve os fatos concretos se materializam.

Vale salientar que as séries enunciativas do discurso de ódio não vêm isoladas em uma formação discursiva, elas podem vir juntas em uma mesma formação. O que nunca faltará no discurso de ódio é um outro no qual uma carga de maldade verborrágica é descarregada com o intuito de destruir, aniquilar e até mesmo matar. Os promotores do discurso de ódio não possuem alteridade e nem altruísmo, são em geral narcisistas, não por uma interpretação, mas pelo fato de suas palavras serem autocentradas neles próprios como o mito de narciso.

Nessa formação discursiva supracitada usada pelo Jair Bolsonaro está uma forma apoteótica desse tipo de discurso que prolifera na sociedade o que há de pior em cada um e não tem outra finalidade senão promover o mal no tecido social.

Considerações finais

Considerando o exposto, retomo o objetivo principal deste artigo que é analisar arqueologicamente o discurso de ódio presente na sociedade brasileira em meados da segunda década do século XXI identificando os pontos que foram contemplados e descritos aqui nesse excerto.

Assim, em primeiro lugar, a partir dessa análise é identificado que esse tipo de discurso é deletério e pernicioso para a sociedade como um todo e, seu crescimento e espalhamento é

¹⁴ Termo criado Azevedo (2008).

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=poeMLhCcbyQ>. (2021, jul, 15).

um perigo. Uma vez que seus efeitos minam a humanidade e paz social. Pois, ele agindo dessa forma, contra o conjunto de valores morais estabelecidos na DUDH (ONU, 1948). Um acontecimento que trouxe um enorme ganho civilizatório que veio após as duas mais devastadoras guerras mundiais que ceifaram a vida de milhares de pessoas e deixou um rastro de destruição sem precedentes na história.

Com base nesse entendimento do quão perigoso é esse tipo de discurso tornar-se imprescindível conhecê-lo melhor e, é um imperativo combatê-lo com as ferramentas conceituais que já estão postas na DUDH (ONU, 1948) conforme foi apresentado ao longo desse artigo. Dentre elas, posso destacar a dignidade da pessoa humana – no qual, toda a relação estabelecida nela por meio de seus artigos gira em torno desse conceito que passa a ser irradiado em várias direções na sociedade.

Em segundo lugar, as escolas possuem uma fundamental importância na consolidação de um mundo que não propague o discurso de ódio, pois a sociedade pós-moderna está marcada pelo medo, pela brutalidade, pelo racismo, pelo preconceito de todas as formas, enfim, socialmente doente.

Nesse cenário, a escola se torna um dos baluartes da resistência de uma sociedade desumanizada, na qual as diferenças são desrespeitadas. É nesse lugar de encontro dos diferentes que podemos compreender a importância dos valores universais da dignidade da humanidade são a base para uma convivência sadia e salutar no qual os conceitos da DUDH (ONU, 1948) aludem a uma formação discursiva de valoração da pessoa humana.

Por fim, esse artigo esmiuçou o discurso de ódio através da AAD. Um discurso conforme vimos promove tanto mal no tecido social brasileiro. Assim, os pressupostos dessa abordagem desvelaram o seu *modus operandi*.

Desta forma, os pressupostos teóricos da AAD foram de suma importância, pois possibilitaram conhecer melhor os conceitos, as definições, as ideias, as categorias de análise, as ferramentas operativas e melhor forma de analisar cada achado a fim de descrevê-los.

Da mesma forma, os pressupostos metodológicos da AAD oferecem um conhecimento necessário para usar as ferramentas mais adequadas para operar sistematicamente a análise do *corpus* dessa pesquisa que possibilitou a identificação das setes séries enunciativas, a saber: ofensas pessoais; ataque pessoal; evidenciar defeito no outro; estigmatizações; bode expiatório; neologismo ofensivo; por fim, discursos de brutalidade com desejo de morte explícita.

Cada uma dessas séries enunciativas fora explicitada e descrita em suas relações e correlações com rigor metodológico conforme os princípios da AAD da investigação dos enunciados que seguem um horizonte operativo que se deu em três etapas: mapear, analisar e descrever (Alcantara; Carlos, 2013).

Isto posto, as agruras desse discurso puderam ter sido reveladas em suas nuances descortinando suas formações discursivas, suas estratégias de uso e as formas pelas quais as

séries enunciativas puderam ter sido desveladas dando a devida compreensibilidade de como esse discurso age no tecido social.

REFERÊNCIA

- ALCANTARA, M. A. M., CARLOS, E. J. (2013). Análise arqueológica do discurso: uma alternativa de investigação na educação de jovens e adultos – EJA. *Intersecções* (Jundiaí), v. [6], pp. 59-73.
- ARENDDT, H. (2014). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Companhia das Letras.
- ARENDDT, H. (2012). *Origens do totalitarismo*. Companhia das Letras.
- Assembleia Geral da ONU. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Nações Unidas, 217 [III] A, Paris.
- AZEVEDO, R. (2008). *O país dos petralhas*. Record.
- BERGMANN, I. (1977). *O ovo da serpente*. [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=MOwqyFnNsiE&t=1s>.
- Bíblia Sagrada*. (2008). (2ª ed.). Sociedade Bíblica do Brasil.
- CARLOS, E. J. (2017). Achados sobre a noção arqueológica do discurso em Foucault. *Revista Dialectus*, v. [11], pp. 176-191.
- EVANS, R. J. (2010). *A chegada do Terceiro Reich*. Planeta do Brasil.
- FOUCAULT, M. (2015). *Arqueologia do Saber*. (8ª ed.). Forense Universitária.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (25ª ed.). Paz e Terra.
- GRANOVSKY, S. (2017). *El genocídio silenciado: Holocausto del pueblo armenio*. Titivillus.
- HOBBS, T. (2002). *Do cidadão*. (3ª ed.). Martins Fontes.
- LATOUR, A., PERGER, N., SALAJ, R. (2017). *ALTERNATIVAS: Agir contra o discurso de ódio através de contranarrativas*. Edição revista.
- LEMKIN, R. (1944). Axis Rule in Occupied Europe: Laws of Occupation: Analysis of Government-Proposals for Redress [Regra do Eixo na Europa ocupada: Leis de Ocupação: Análise de Propostas Governamentais de Reparação]. Carnegie Endowment for International Peace, pp. 79-95.
- MANDELA, N. (2020). *Longa caminhada até a liberdade: a autobiografia de Nelson Mandela*. Alta Books.
- MARCONDES, D. (2008). *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. (12ª ed.). Jorge Zahar.
- MARRUS, M. R. (2003). *A assustadora história do holocausto*. Ediouro.
- MARX, K., ENGELS, F. (2001). *A ideologia alemã*. (2ª ed.). Martins Fontes.
- Pocket Oxford German Dictionary [Dicionário Alemão de Bolso Oxford]. (1975).
- RIGG, B. M. (2003). *Os soldados judeus de Hitler*. Imago.
- SANTAELLA, L. (2000). *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. Pioneira.
- VISENTINI, P. G. F., PEREIRA, A. D. (2008). *História do mundo contemporâneo: da Pax Britânica do século XVIII ao Choque das Civilizações do século XXI*. Vozes.

